

# Sobre Descobertas Europeias do Novo Mundo e Primeiros Contactos Humanos nos Séculos XV e XVI

Ilídio do Amaral

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 143-152



# Sobre Descobertas Europeias do Novo Mundo e Primeiros Contactos Humanos nos Séculos XV e XVI

Ilídio do Amaral \*

*Guardo excelentes recordações do Colega Professor Luís António de Oliveira Ramos, que recuam aos tempos em que nos cruzávamos nos corredores da Faculdade de Letras de Lisboa. Ao longo dos anos encontrámo-nos repetidas vezes, dilatando-se a minha admiração pelas suas qualidades de Universitário, Historiador e Trato humano, e a minha amizade. Recordo ainda as reuniões de uma comissão científica do Instituto Nacional de Investigação Científica, da qual eu era um dos vogais e ele o Presidente. No momento em que lhe é prestada merecida Homenagem apraz-me contribuir com estes apontamentos sobre descobertas europeias do Novo Mundo e primeiros contactos humanos, tendo em conta as suas preocupações de historiador relativamente às "terras novas", em particular o Brasil.*

## **1. A descoberta de um barreira continental nos confins ocidentais do Atlântico e o seu baptismo com o nome de América**

As viagens dos Vikings (Eric "o Vermelho", seu filho Leif Ericson e outros) nos séculos X e XI e as colónias acidentais que fundaram na Groenlândia e no nordeste continental não tiveram quaisquer impactos generalizados na visão europeia do Mundo e nem sequer na daqueles povos navegadores do mar alto.

Decorreriam quatro séculos até às navegações e descobertas marítimas dos séculos XV e XVI que alteraram, definitivamente, a face do Globo terrestre. Em 1497 e 1498 o florentino Giovanni Caboto, ao serviço de Henrique VII de Inglaterra, navegaria ao longo da costa setentrional do novo continente, descobriria a ilha do cabo Breton, desembarcaria na Terra Nova e cabotaria entre cerca de 45<sup>o</sup> e 51<sup>o</sup> N, dando nomes a vários acidentes geográficos.

Por volta de 1502 seriam trazidos para Londres três "selvagens" vestidos de peles, comedores de carne crua, que dois anos depois ainda podiam ser vistos em Westminster, já amaneirados e vestidos à inglesa; e em 1505 o Rei receberia, em Richmond, a primeira oferta de gatos selvagens e aves das novas terras, que ainda estavam muito mal conhecidas.

Antes das aventuras setentrionais de G. Caboto, que tiveram repercussões relativamente fracas no mundo europeu, já em 1492, 1493 e 1498 o genovês Cristóvão Colombo, ao serviço dos soberanos de Castela, atingira e explorara ilhas dianteiras da zona central da barreira continental dos confins ocidentais do oceano Atlântico, e uma pequena parte do seu litoral, ainda que no convencimento de que chegara ao continente asiático pelo ocidente, o seu grande sonho - mais propriamente ao Cipango Qapão) e ao reino do Grande Khan, isto é, à China descrita por Marco Polo.

---

" Geógrafo, Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Lisboa. Director do Centro de Geografia do Instituto de Investigação Científica Tropical. Membro da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa da História.

No final do século XV e no início do século XVI tiveram lugar a viagem do português Pedro Álvares Cabral que, a caminho da Índia, acharia o canto nordeste do que viria a ser o Brasil imenso, a passagem do galego Vicente Yáñez de Pizón pelo cabo de Santo Agostinho e a foz do Amazonas, ambas em 1500, e as duas expedições do florentino Amerigo Vespucci, uma em 1499 sob bandeira castelhana e outra dois anos depois sob bandeira portuguesa, chegando esta até quase San Julián, cerca de 650 km ao norte da ponta sul da Terra do Fogo.

Naturalmente que também merece destaque a primeira volta completa do Globo, a viagem de circunnavegação feita entre 1519 e 1522, com patrocínio da coroa castelhana, aventura comandada desde a Península Ibérica, através do Atlântico, até ao estreito mais meridional do Novo Mundo e daí pelo Pacífico até às Molucas, pelo transmontano (?) Fernão de Magalhães, e depois, por motivo da sua morte violenta, em escaramuça com indígenas de Cebu (Filipinas), o prosseguimento sob a direcção do seu adjunto, o basco Juan Sebastian El Cano, ao longo do Índico, com passagem pela ponta mais meridional da África para retornar, pelo Atlântico, ao ponto de partida, o porto andaluz de S. Lucar de Barrameda. Deste modo, foi o primeiro navegador europeu a fazer a volta ao mundo.

Com tais viagens criou-se na Europa uma visão nova do Mundo, tendo de se alargar o velho *orbis terrarum*, a tricontinental "ilha" da Terra, pela inclusão de um *orbis alterius*: através dos grandes oceanos os continentes passaram a ficar interligados. Ninguém melhor do que o matemático e astrónomo Pedro Nunes, ilustre sábio quinhentista português, soube sintetizar a importante revolução trazida pelas descobertas de "novas ilhas, novas terras, novos mares, novos povos e, o que mais é, novo céu e novas estrelas".

Nessa avançada ibérica pelo mundo fora, portugueses e castelhanos procuraram concertar entre si a partilha das novas descobertas, fixando-se os termos gerais no célebre Tratado de Tordesilhas, ou *Capitulaciones de la Partición dei Mar Oceano*, assinado em 7 de Junho de 1494 e sancionado pelo Papa, autoridade super-estatal reconhecida pelo mundo cristão. Por insistência do rei português a linha de bipartição localizar-se-ia a 370 léguas para oeste das ilhas de Cabo Verde, ficando sob domínio de Castela o lado ocidental e de Portugal o oriental.

A leitura dos protocolos do Tratado evidencia que, a par de uma certa fidelidade às velhas concepções de Ptolomeu e de Martinho de Tiro sobre o globo terrestre, já havia algumas incertezas que as viagens terrestres ao Oriente e as experiências de navegações atlânticas tinham introduzido nos espíritos mais lúcidos. Portugueses e castelhanos contentaram-se com uma partilha virtual do mundo relacionada com um meridiano no Atlântico, sem qualquer referência ao seu prolongamento na face oposta do Globo.

A propósito disto não deixa de ser curioso notar como Cristóvão Colombo, na sua correspondência, utilizava uma linguagem diferente, considerando-se, por exemplo, como "Almirante" para poente de "uma linha imaginária que mandaram assinalar sobre as ilhas de Cabo Verde e as dos Açores cem léguas, de pólo a pólo". Preferia assim a letra da bula *Inter Coetera*, de 4 de Maio de 1493, pela qual o Papa, "em plenitude do poder Apostólico" doava, concedia e entregava aos reis de Castela e Leão, e a todos os seus "herdeiros e sucessores /.../ todas ilhas e terras firmes achadas e por achar, descobertas ou por descobrir, para o Ocidente e o Meio-Dia /.../, em direcção à Índia, ou em direcção a qualquer outra parte, /.../ fazendo e construindo uma linha desde o pólo Ártico /.../ a qual diste de qualquer das ilhas que vulgarmente são chamadas de Açores e Cabo Verde cem léguas para o Ocidente e o Meio-Dia".

Em Julho de 1497, no memorial da Mejorada, inspirado por Colombo, fixava-se no cabo da Boa Esperança o limite das terras que os portugueses tinham o direito de conquistar na direcção do oriente. Nesse texto já aparece sugerido o traçado do ante-meridiano (A.R. de Armas, *Un escrito desconocido de Cristóbal Colón: el memorial de la Mejorada*, Madrid, 1972; Ch.M. de Witte, "Les bulles pontificales et l'expansion portugaise au XVe siècle", *Revue d'Histoire ecclésiastique*, Lovaina, 1953-1958; G. Bouchon, "À propos de l'inscription de Colombo (1501). Quelques observations sur le premier voyage de João da Nova dans l'Océan Indien", *Revista da Universidade de Coimbra*, 1980,28, e também em *Inde découverte, Inde retrouvée (1498-1630). Études d'histoire indo-portugaise*, Lisboa-Paris, 1999, pp. 95-132).

Os portugueses demarcaram-se de tais implicações porque tinham a esperança de ser os

primeiros a chegar aos portos do Malabar e aos lugares produtores da tão cobiçada pimenta, enquanto que os castelhanos, determinados em abordar as ilhas onde nasciam as outras especiarias, procuravam, afanosamente, passagens que os conduzissem para lá do Novo Mundo. Em 1512 o limite oriental pretendido pelos castelhanos passava do cabo da Boa Esperança para o "meio da ilha de Ceilão" (G. Bouchon, 1980 e 1999).

Aos casos recordados anteriormente estiveram ligados, com maior ou menor importância, a pretensão da chegada ao Oriente pelo ocidente, depois de atravessado o Atlântico, e sobretudo o desconhecimento de que este, do outro lado, era limitado por importantes massas continentais, com as suas ilhas, distribuídas meridianamente e a que se seguia outro mar, o imenso Pacífico, muito mais vasto do que o Atlântico. Caberia a Francisco de Balboa a primeira visão europeia desse oceano, em 1513, depois da travessia do istmo centro-americano.

Em 1492, Cristóvão Colombo, na convicção que chegara às margens do Oriente, generalizou o termo de "índias" para as "quantidades de ilhas" que foi encontrando e designou os seus habitantes como "índios", termos que a Coroa castelhana adoptou de imediato e se difundiram rapidamente por toda a Europa. Mais tarde, a essas falsas "índias" se juntou a designação de "Occidentais", para as distinguir da verdadeira, a asiática ou Oriental, cujo primeiro contacto europeu por via marítima seria estabelecido em Maio de 1498, pela armada de Vasco da Gama.

A primeira descoberta da parte insular da zona tropical do Novo Mundo seguiu-se a de terras mais vastas e contíguas no decurso da terceira viagem de Cristóvão Colombo, em Julho de 1498. Perante a grandiosidade do delta do Orinoco, no golfo de Pária, de correntes de águas doces, que só poderiam provir do interior de um continente, Cristóvão Colombo começou a acreditar na existência de uma outra massa continental, como testemunham as suas próprias palavras: "estou pensando que isto é uma Terra Firme, enorme, e de que até agora nada se soube. E o que me confirma fortemente nesta opinião é o facto (da existência) desse tão grande rio e do mar que é tão suave" (Carta de Cristóvão Colombo, recopiada integralmente por Frei Bartolomé de Las Casas na sua *História de las índias*, escrita por volta de 1559).

A isso acresciam as informações que obtivera de "muitos índios canibais, os quais diziam que ao sul do seu país era a Terra Firme" e que aí havia "muito ouro". O navegador, perante a verdade que lhe aparecia aos olhos e se tornava maior, o que contrariava as teorias geocêntricas de Cláudio Ptolomeu e de outros sobre as relações entre terras e mares, às quais estava muito apegado, viu-se obrigado a concluir que "se esta Terra é firme, é uma coisa de admiração e sê-lo-á entre todos os sábios, dado que um tão grande rio que sai dela cria um mar de água doce de quarenta e oito léguas" e de "suave temperatura" (informação também recopiada do Diário de Cristóvão Colombo por Frei Bartolomé de Las Casas na *História de las índias*). E no seu testamento, datado de 22 de Fevereiro de 1498, tal como em documentos posteriores, não lhe restavam dúvidas sobre a existência de "Terra Firme" (*Cristóvão Colombo, A Descoberta da América. Relações das quatro viagens, 1493-1504*, Lisboa, 1990, pp. 151-182).

Recordemos que a primeira utilização da palavra "América" para designar a "Terra Firme" (nome que era dado ao continente, e em especial à costa norte da sua parte meridional) ficou a dever-se a Martin Waldseemüller, mais conhecido pelos seu nome latinizado de Hylacomylus (c. 1470-1518 ou 1521), um clérigo da cidadezinha francesa de Saint Dié (montanhas dos Vosges, ducado de Lorena), apegado a estudos cosmográficos e à leitura de relatos de viagens.

No texto e no grande mapa-mundo da sua *Cosmographiae introductio*, impressa em Abril de 1507, com edições em várias línguas vernáculas da época, exceptuadas a portuguesa e a castelhana, homenageava Américo Vespúcio, considerado como o maior navegador e descobridor de novas terras, pessoa de muito prestígio, de tal modo ficara impressionado pela leitura de *Lettera di Amerigo Vespucci delle isole nouamente trouate in quattro suoi viaggi*, dirigida a Pietro Solderini, da Magnífica República de Florença e editada em 1505 ou 1506. Esta *Lettera* já englobava uma boa parte de *Albericus Vespuccius Laurentio Petri Francisci de Medicis sabatem plurinam dicit* que, numa nova edição, também apareceu com o título mais aliciante de *Mundus Novus...*, da qual se tiraram doze edições logo nos primeiros anos do século XVI, sem indicação de lugar e data. Sabe-se que em 1507 já alcançara vinte e duas edições, na mesma altura da saída a público da obra de Francazano de Montalbodo, *Paesi nuovamente ritrovati et novo mondo de Alberico*

*Vesputio florentino intitolato*, em Vicenza.

Estes poucos exemplos, escolhidos entre outros, são suficientes para relevar o impacto das descobertas do Novo Mundo na velha Europa de quinhentos. Segundo M. Waldseemüller, uma vez que os outros continentes tinham recebido nomes femininos - Europa, África e Ásia -, não havia nenhuma razão para que alguém se opusesse à identificação do Novo Mundo como América (palavra inscrita no bloco meridional do seu mapa), do nome "do seu descobridor, homem de grande competência". O planisfério de Gerardo Mercator (nome latinizado do geógrafo e matemático flamengo Gerhard Kremer, inventor da célebre projecção que continua a ser uma das bases da cartografia moderna), publicado em 1538, fixá-lo-ia definitivamente, ao utilizar as expressões de *America pars septentrionalis* e de *America pars meridionalis*, ligadas por um istmo.

## **2. Visão do Novo Mundo como terra de promessa: primeiros contactos entre europeus e "índios" ou histórias de "paraísos perdidos"**

São muito elucidativas algumas frases historicamente relacionadas com a visão do Novo Mundo como terra da promessa e os primeiros contactos entre os intrusos europeus e os nativos "índios". De certo modo se passou também em relação com a velha Ásia, na época das grandes descobertas marítimas de finais de quatrocentos e de quinhentos.

Cristóvão Colombo, ao descrever as ilhas descobertas durante a primeira viagem, não poupou superlativos. Segundo as suas palavras, numa carta escrita em Fevereiro-Março de 1493, ao largo dos Açores, na viagem de regresso, dirigida a Luís Santangel, a ilha Espanhola (partilhada, actualmente, pelas repúblicas do Haiti e Dominicana), mais do que as outras, era "fertilíssima ao supremo grau", tinha "grande quantidade de rios tão belos e tão grandes" como jamais vira; no interior dela havia "muitas serras e enormes montanhas /.../, todas magníficas, com mil formas, todas acessíveis e cheias de árvores de mil essências /.../; entre elas voavam "o rouxinol e mil outras espécies de pássaros"; por todo o lado existiam "terras tão belas e férteis", fáceis de aproveitar. E as gentes andavam nuas, eram extremamente cordiais e ingénuas, "deprovidas de artifícios /.../ e generosas" (*Cristóvão Colombo, A Descoberta da América. Relações das quatro viagens, 1493-1504*, Lisboa, 1990, pp. 9-17).

Essa carta teve larga divulgação, com impressões de 1493 e 1494 em espanhol e em latim, edição em Maio do primeiro ano sob a forma de um panfleto de oito páginas intitulado *De insulis inuentis* e em Junho de um poema de 68 estâncias em toscano. É curioso notar que foi muito mais tardio o seu conhecimento nos centros culturais da Europa setentrional: a Crónica de Nuremberga, de Julho de 1493 não contém qualquer referência à viagem de Cristóvão Colombo; na Inglaterra a primeira referência é de fins de Março de 1496; e a primeira tradução alemã da carta, feita em Estrasburgo, é de 1497 (Daniel J. Boorstin, *Os Descobridores. Do domínio do tempo à conquista dos mares*, Lisboa, 1987, 1<sup>o</sup>. Vol. p. 222).

Cinco anos depois, como já referimos, tinha a primeira percepção do continente. Em carta de 1498, dirigida aos Reis Católicos, sobre o que lhe fora dado observar, mostrava-se convencido da existência "de um continente muito grande, até hoje desconhecido", o que contrariava as Santas Escrituras. E argumentava, cautelosamente, do seguinte modo: "se não é do Paraíso terrestre que vem este rio, é de uma terra infinita, portanto situada a sul, e da qual até hoje nada se soube. Todavia, tenho na minha alma por muito seguro que lá onde disse se encontra o Paraíso terrestre..." (*Cristóvão Colombo, A Descoberta da América. Relação das quatro viagens, 1493-1504*, Lisboa, 1990, pp. 75-100).

As suas experiências levaram-no a rever os dogmas ortodoxos acerca da forma esférica do *orbis terrarum*, admitindo que a forma mais adequada seria a "de uma esfera /.../ ou /.../ uma bola /.../ sobre uma parte da qual" havia "uma proeminência como um mamilo de uma mulher, sendo esta saliência mais alta e próxima do céu situada sob a linha equinocial e na extremidade oriental deste mar onde a terra e as ilhas acabam". Era "o ponto do paraíso terrestre, aonde ninguém" podia "ir a não ser com permissão de Deus". Ainda segundo ele, não era de crer que "o paraíso terrestre" tivesse "a forma de uma montanha agreste, como as descrições dele" davam a impressão, mas que se encontrava "no cume do lugar" que descrevera; e o Orinoco provinha

dele. Deste modo pretendia enunciar uma explicação racional capaz de conciliar a existência de uma vasta fonte de água doce com a sua religiosidade cristã, a sua geografia ptolomaica, a identificação asiática de Juana (o primeiro nome que teve a ilha de Cuba) e a convicção de existir uma passagem directa para o Oceano Índico.

De forma mais pragmática, sem estar submetido às limitações dos dogmas científicos e religiosos da sabedoria antiga, o escrivão Pêro Vaz de Caminha, da armada de Pedro Álvares Cabral, também se socorreu da imagem do paraíso. Usou frases algo semelhantes na célebre carta para o Rei de Portugal, começada no dia 24 de Abril de 1500 e terminada com a frase "deste Porto Seguro, da vossa ilha de Vera Cruz, hoje sexta-feira, primeiro dia de Maio" do mesmo ano, data em que foi chantada a primeira cruz na praia a cerca de 300 m da foz do rio Mutari. Lembremos algumas.

Visto do mar, "o sertão" mostrava-se "muito grande": havia terra e mais terra coberta por muitos e grandes arvoredos, de "tantas prumagens que lhe não" podia "homem dar conta"; no seu interior cantavam muitas aves de variegadas cores, sobretudo papagaios, uns "verdes e outros pardos, grandes e pequenos". Aí vivia um homem que, aos olhos do primeiros observadores, diferia bastante do seu tipo e muito mais do africano, que já conheciam. Num grupo que encontraram na praia puderam ver que "eram (homens) pardos, /.../ maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos /.../, todos nós, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas", e nisso tinham "tanta inocência como em mostrar o rosto /.../. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres moças, nuas como eles, que não pareciam mal".

Os primeiros contactos humanos foram encontros únicos e memoráveis. Como evocou Darcy Ribeiro, "para os que chegavam, o mundo em que entravam era a arena dos seus ganhos, em ouro e glórias /.../. Para os índios que ali estavam, nós na praia, o mundo era um luxo de se viver", tão rico de tudo. Uns e outros "se defrontaram, pasmos de se verem tal qual eram"; no caso brasileiro "a selvageria e a civilização" (D. Ribeiro, *O Povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*, São Paulo, 1999, pp. 44-45).

As "suas concepções não só diferentes mas opostas, do mundo, da vida, da morte, do amor, se chocaram cruamente. Os navegantes, barbudos, hirsutos, fedentos de meses de navegação oceânica, escalavrados de feridas do escorbuto, olhavam, em espanto, o que parecia ser a inocência e a beleza encarnadas. Os índios, vestidos da nudez emplumada, esplêndidos de vigor e de beleza, tapando as ventas contra a pestilência, viam, ainda mais pasmos, aqueles seres que saíam do mar" (Idem, *Idem*).

"Os recém-chegados eram gente prática, experimentada, sofrida, cientes das suas culpas oriundas do pecado de Adão /.../. Os índios nada sabiam disso, Eram, a seu modo, inocentes, confiantes. Aos olhos dos recém-chegados, aquela indiada louçã, de encher os olhos só do prazer de vê-los /.../, tinha um defeito capital: eram vadios, vivendo uma vida inútil e sem prestanda /.../. Aos olhos dos índios, os oriundos do mar oceano pareciam aflitos demais", tudo querendo fazer e levar num só dia (Idem, *Idem*).

Na carta de Vaz de Caminha aparece evidenciado um móbil importante da expansão ibérica: a cruzada religiosa, isto é, a cristianização dos pagãos. A terra era de tal modo "graciosa que, querendo-a aproveitar", dar-se-ia nela "tudo, por bem das águas" abundantes, mas "o melhor fruto que nela" se devia fazer seria o de "salvar" aquela gente, mostrando-lhes os caminhos das bem-aventuranças ensinadas por Jesus Cristo.

A propósito disto lembremos a chegada de Vasco da Gama a Calicute (Índia) e o envio de um degredado a terra para o estabelecimento dos primeiros contactos. O degredado foi rodeado por uma multidão que o interrogava numa língua que ele desconhecia. Levado a uma casa muçulmana, surpreendeu-o o facto de ser interpelado em castelhano, por dois mouros magrebinos: "Diabos te levem, que te trouxe aqui? Que viestes procurar tão longe?" A sua resposta, ainda que muito lacónica, somente de duas palavras, revela muitíssimo: "Cristãos e especiarias", isto é, dilatar o reino da fé católica aos espaços indianos e extrair deles produtos altamente rendosos nos mercados europeus.

Foram estes, de certo modo, os móveis das viagens de Cristóvão Colombo. Basta atentar nos nomes que foi dando às ilhas: San Salvador, Navidad, Santa Maria de Guadalupe, Santa Maria de Monserrate, Santa Maria Ia Antígua, etc. Todavia, nunca chegou a encontrar a imensidade de

riquezas tão sonhadas, de ouro e prata, especiarias e algodão, almécega e madeira de aloé, escravos, etc, etc. Quanto a Pedro Álvares Cabral, apenas achou o páu brasil, cujo valor comercial estava longe de poder ser comparado ao das especiarias do Oriente. Outros tempos viriam de exploração intensiva dos territórios, com mudanças profundas das suas sociedades indígenas. Toda a América estava destinada a ser recriada pelos europeus.

Um parêntese para sublinhar, mais uma vez, a influência que as descobertas do Novo Mundo exerceram nos meios cultos da Europa e na imaginação de paraísos terrestres, utilizando um único exemplo, de um autor e obra bem conhecidos: o inglês Thomas More e a sua *De Óptimo Republicae Statu deque nova insula Utopia libellus vere aureus, nec minus salutaris quamfestivus, clarissimi divertissimique vir Thomae Mori in clytae ciutatis Londoniensis civis et Vicecomitis*, título longo reduzido à expressão mais simples de *Utopia* (a terra de nenhures). Escrevendo-a em latim, porque era a língua erudita da Europa de então e para evitar as críticas de conterrâneos menos cultos, a primeira versão em inglês apareceu passados 35 anos, quando o autor já não estava no mundo dos vivos.

A segunda parte da obra, aquela que mais impressiona o leitor, insere-se num quadro definido pelas viagens de G. Caboto e de seu filho Sebastian, bem conhecidas na *City* londrina, e pelos textos de Américo Vespúcio, de larga difusão no continente europeu; no facto do cunhado de Thomas More, John Rastell, impressor, homem de leis, dramaturgo, armador e comerciante, investir em empreendimentos transatlânticos, tendo mesmo preparado uma expedição para colonizar terras novas; e na visão de um Mundo novo cheio de promessas, também apetecido pela Coroa inglesa.

De acordo com a narração ouvida do misterioso aventureiro Rafael Hitlodeu, a personagem criada por Thomas More na figura de um português viajado e erudito, ele fora deixado por A. Vespúcio, com cinco companheiros, num local da costa brasileira identificado, geralmente, como sendo o cabo Frio, Rio de Janeiro. Depois de longa viagem por terras do Novo Mundo, Rafael tivera a oportunidade de visitar um estado insular que fora, anteriormente, uma península, mandada separar da terra firme por um certo Utopos, para nela transformar um punhado de selvagens ignorantes no que era, talvez, a nação mais civilizada do mundo, uma república em que imperavam a justiça, o elevado padrão de vida, com organização política, desenvolvimento económico e social equilibrados, como nada havia de comparável no Velho Mundo (I. do Amaral e A. Amaral, "A *Utopia* e Thomas More: uma obra e um homem para a eternidade", *Miscelânea de Estudos dedicados a Fernando de Mello Moser*, Lisboa, 1985, pp. 65-88).

Por este modo, Thomas More, na sua *Utopia*, depois de uma primeira parte constituída, essencialmente, por críticas duras, ainda que muitas vezes em linguagem metafórica, à governação e à sociedade do seu próprio país, revelava as suas ideias sobre as formas ideais de governo de uma sociedade que visionava quase perfeita (um "Paraíso terrestre"), com forte significado pois a sua Inglaterra também era um estado insular, na proximidade de um continente.

Ensina a História que entre as civilizações do Novo Mundo existiam, igualmente, a procura de "paraísos" algures na Terra e a crença na reaparição de deuses criadores ou civilizadores. A antropóloga Hélène Clastres descreveu a estranha filosofia de antigos guaranis que, crendo na existência de uma "terra sem males", abandonavam os lugares e haveres para irem à sua procura até aos interiores andinos. No início do século XVI os primeiros conquistadores castelhanos do Peru encontraram algumas dezenas de sobreviventes dessa extraordinária odisseia (H. Clastres, *La terre sans mal. Le prophétisme tupi-guarani*, Paris, Le Seuil, 1975).

Os índios encontrados no litoral pelos portugueses, pertencentes, principalmente, a tribos de tronco tupi, que aí se tinham instalado uns séculos antes, viram a chegada daqueles seres estranhos como um acontecimento espantoso, identificando-o como o regresso sobre o mar de gente de Maíra, o seu deus sol, o criador. Por isso mesmo, receberam bem os estranhos e muitos deles embarcaram confiantes nas primeiras naus, crendo que iriam ser levados para a "terra sem males", morada de Maíra. Tanto os Aztecas do México (os *Mexica*) como os Inças do Peru, ainda que com alguma surpresa, também tinham acolhido os primeiros espanhóis, tipos humanos muito diferentes, brancos e barbudos, revestidos de peças metálicas (as armaduras), empunhando espadas e espingardas, montados em estranhos animais (os cavalos), como se fossem deuses cuja



aparição era prevista pelas suas tradições míticas: Quetzalcoatl no primeiro caso e Viracocha no segundo.

É interessante referir que nas tradições locais, de populações tão afastadas umas das outras, avulta o episódio da partida de um espírito criador para longe, pelo mar imenso, nos dois primeiros casos o Atlântico e no segundo o Pacífico. Mas o fenómeno não era apenas americano pois de forma idêntica, ainda que de sinal contrário, existia na África, de que citamos o caso de Angola. As populações que viviam ao longo da faixa lagunar de Luanda tinham os "jindèlè", no singular "ndèlè", como um tipo de espírito errante, malévolo (esbranquiçado), que vagueava no mundo dos mortos, isto é, em "Kálúngà", identificado como o mar, e que, de vez em quando, vinha contactar e importunar os vivos. Uma vez que os portugueses (brancos) foram vistos, pela primeira vez, a "emergir" do mar, em meados do século XVI, os primeiros contactos com esses "míndèlè" foram de muita suspeição e a conquista bastante difícil (V. Coelho, "Em busca de Kábàsà: uma tentativa de exolicação da estrutura político-administrativa do 'Reino de Ndongo'", *Actas do Seminário Encontro de povos e culturas em Angola*, Lisboa, 1997, pp. 443-477).

Voltando ao Novo Mundo, o imperador Moctezuma ou Motecuhzoma saudou Hernán Cortez, em Novembro de 1519, o fatídico ano da invasão europeia, com as seguintes palavras de entrega total: "Chegaste à tua cidade: México. Aqui vieste sentar-te no teu chão, no teu trono /.../. Já chegaste com grande fadiga, com ânsia vieste /.../. Toma posse das tuas casas reais, dá descanso ao teu corpo" (*Manuscrito de Tlatelolco*, redigido por anónimos em 1528). Segundo o relato de Titu Cusi Yupanqui - monarca que reinou no Estado neo-inca de Vilcabamba de 1558 a 1571 -, recolhido por um religioso espanhol, os estranhos seres chegados às suas terras "pareciam viracochas", do nome que era dado, "antigamente, ao Criador de todas as coisas". "Oh, Viracocha! Senhor do Universo!, /.../, Senhor de todos os elementos (*Kon Tiki Ma Viracocha*), "Oh, Criador! /.../, Oh, Sol! /.../ Oh, poder de tudo o que existe!", se dizia em orações ou hinos em quechua ao astro supremo, recolhidas pelo cura mestiço Cristobal de Molina (filho do conquistador Francisco Molina e de uma princesa inça), nos anos de 1550, e registadas em *Ritos e Fábulas dos Incas*, invocando o deus que, com o génio das suas mãos e do sue sopro, terá criado o Manco Capac e a Mama Ocllo, o lendário casal civilizador, o Adão ideal e a Eva perfeita do antigo Peru.

A maioria das culturas andinas esperava o regresso de Viracocha, o herói lendário que, há muitos e muitos séculos, partira da terra para os confins do oceano. Por isso o ligavam intimamente ao mar (Tiki Viracocha), onde flutuava "como espuma (branca) sobre as vagas". Daí, de acordo com muitos autores, o equívoco com a chegada dos espanhóis, brancos e barbudos, que os ameríndios, num momento em que atravessavam um período de crise sob a força hegemónica de Atahualpa, receberam como enviados de Viracocha.

Na cadeia andina, a cerca de três mil e oitocentos metros acima das águas do Pacífico, nas majestosas ruínas pré-incaicas de Tiahuanaco, vinte quilómetros a sudeste do lago Titicaca, os colossos antropomórficos de pedra, deuses e titãs, alguns com mais de oito metros de altura, de modelação refinada, continuam a guardar, quase indecifráveis, os enigmas de cinco civilizações sobrepostas na mesma área. Mais surpreende ainda o facto de não haver nas cercanias de dez léguas em redor pedreiras de onde pudessem ter sido retirados os enormes blocos de arenitos avermelhados, grés compactos e esbranquiçados, traquitos granitóides e rochas basáltias azuladas, o que leva a supor um transporte de longa distância, tempo, utilização de mão de obra excepcionalmente volumosa, aos milhares, e técnicas sofisticadas!

Com blocos e lajes de pedra (alguns de enormes dimensões) finamente talhados, de faces artisticamente cobertas de sinais hieroglíficos e figuras, com fragmentos de ídolos extraídos das ruínas milenárias de Tiahuanaco, os colonizadores espanhóis, desde os mais ricos *encomenderos* aos menos bafejados pela sorte, construiriam igrejas e capelas, casas e currais, pontes e mós de pedra, calcetariam estradas e caminhos.

Cedo os ameríndios aperceber-se-iam que aqueles brancos barbudos não eram seres divinos. A visão idílica dissipava-se, para se reverter no seu contrário: tratava-se de invasores humanos, "bárbaros" (que os aztecas designaram de *popolocas*) cruéis e cobiçosos dos seus bens, despojando-os de tudo, apostados em pôr fim às suas vidas e civilizações. Maíra estaria morto?, perguntavam-se os tupis. Como explicar que o seu povo predilecto sofresse tantas provações, tão espan-

tosas e terríveis que muitos preferiam morrer a viver? No Manuscrito de Tlatelolco há um relato pungente da queda do México, que dá conta de desespero profundo: "Chorai, amigos meus. Entendei que com estes factos perdemos a nação mexicana /.../. Deixem-nos, pois, morrer já, deixem-nos perecer já, visto que os nossos deuses já morreram!" Para os vencidos a presença europeia saldava-se negativamente, marcando o início da ruína total das suas civilizações e da remodelação, ou reinvenção do seu continente, que os invasores europeus tinham baptizado de América. Os recém-descobertos "paraísos perdidos" iriam sofrer grandes modificações sob os fortes impactos de agentes culturais e económicos europeus munidos de meios e instrumentos tecnológicos que os ameríndios desconheciam.

*Lisboa, Fevereiro-Março de 2002.*